

# O SÍTIO POSTO FISCAL: ARQUEOLOGIA DOS CENTROS CERIMONIAIS JÊ DO SUL

**Jonas Gregorio de Souza**

Mestre em arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.

## **Resumo**

Neste artigo, apresento as escavações e a análise do material arqueológico do sítio Posto Fiscal, localizado em Pinhal da Serra, Rio Grande do Sul. Trata-se de um sítio mortuário Jê do Sul, composto por aterros anelares de formas complexas (circulares e quadrangulares) e ao menos três montículos. A presença de material lítico e cerâmico em grande quantidade, bem como de feições como estruturas de pedra e possíveis covas, contribuem para discutir a variabilidade dos centros cerimoniais do planalto meridional.

**Palavras-chave:** Jê do Sul, aterros anelares, emergência da complexidade.

## **Abstract**

In this paper, I present the excavations and analysis of the artifacts from the Posto Fiscal site, located in Pinhal da Serra, Rio Grande do Sul. This is a mortuary Southern Jê site, consisting in complex earthworks (circular and rectangular) and at least three mounds. The presence of lithics and pottery in large quantities, as well as features such as stone clusters and possible pit graves, contribute to the discussion of the variability of the ceremonial centers of the Southern Brazilian Highlands.

**Keywords:** Southern Jê, earthworks, emergence of complexity.

## **Introdução**

A arquitetura cerimonial da Tradição Taquara/Itararé, associada aos povos Jê do Sul em período pré-contato, tem despertado especial atenção desde as primeiras pesquisas arqueológicas no planalto meridional brasileiro e adjacências (MENGHIN, 1957). Montículos funerários podem ser encontrados em todo o sul, e sua construção perdurou entre os Kaingang e Xokleng até o período histórico (MABILDE, 1897; VASCONCELLOS, 1912; MANISER, 1930; MÉTRAUX, 1946).

Em período pré-colonial, a arquitetura cerimonial Jê do Sul inclui sítios denominados aterros anelares (também conhecidos como “áreas entaipadas” ou “danceiros”), muros de terra de contorno circular ou, mais raramente, quadrangular, com ou sem montículos em seu centro (BEBER, 2004: 233-236). Essas estruturas se concentram no planalto catarinense e sul-rio-grandense, em particular nas bacias dos rios Pelotas e Canoas (ROHR, 1971; REIS, 1980; RIBEIRO & RIBEIRO, 1985; COPÉ et al., 2002; SALDANHA 2005, 2008; DEMASI, 2005, 2009; MÜLLER, 2008; DE SOUZA & COPÉ, 2010; SCHMITZ et al., 2010; CORTELETTI, 2010; IRIARTE et al., 2013), embora também possam ser encontradas na província argentina de Misiones (MENGHIN, 1957; IRIARTE et al. 2008, 2010), no Paraná (CHMYZ, 1968) e em São Paulo (CHMYZ et al., 1968).

Uma problemática recente no estudo de tais sítios é a relação entre arquitetura (dimensões dos aterros, suas formas, presença ou ausência de montículos, entre outros critérios) e função. DE MASI

(2009: 110-111) observa uma distribuição bimodal nas dimensões dos aterros anelares do baixo vale do rio Canoas, Santa Catarina: pequenos aterros de 15 a 30 m de diâmetro e grandes aterros de 50 a 60 m de diâmetro. Os primeiros, isolados ou em grupos de até quatro, sempre cercam montículos funerários contendo cremações. Os aterros de grandes dimensões podem ou não conter montículos; no caso do sítio SC-AG-12, evidências como fornos, estatuetas de argila e tembetás levam DE MASI (2009: 110-111) a sugerir, para os aterros de grandes dimensões, a função de centros cerimoniais para perfuração dos lábios dos meninos, rito de iniciação Xokleng descrito por PAULA (1924: 128-129). Um modelo semelhante é apresentado por DE SOUZA & COPÉ (2010) para a região de Pinhal da Serra, Rio Grande do Sul: os pequenos aterros anelares com montículos, sempre próximos de conjuntos de casas subterrâneas, seriam cemitérios de comunidades vizinhas, ao passo que os grandes aterros anelares seriam estruturas integrativas de alto nível (sensu ADLER & WILSHUSEN, 1990), congregando para sua construção e uso uma população regional composta por várias comunidades distintas. Os autores levam em consideração não apenas as dimensões, mas também a estratigrafia de um aterro anelar de 80 m de diâmetro (sítio RS-PE-29, Estrutura 1) que apresentou camadas com sedimento de possível origem exógena, sugerindo o transporte de terra de uma distância superior às imediações do sítio, o que, portanto, parece representar um esforço construtivo maior do que no caso dos pequenos aterros anelares com montículos (DE SOUZA & COPÉ, 2010: 103-105).

Entretanto, é provável que a variabilidade na arquitetura ritual Jê do Sul seja maior do que a expressa nos modelos acima. É verdade que os aterros anelares com montículos de função funerária apresentam um padrão recorrente: são compostos por círculos de 15 a 30 m de diâmetro, com frequência dispostos em pares, cercando cada montículo com sepultamentos cremados secundários ou, em alguns casos, primários (com a preservação das piras funerárias), e pouquíssimo material associado além de fragmentos de pequenas vasilhas (COPÉ et al., 2002: 130-131; DE MASI, 2005: 223-247; MÜLLER, 2008: 40-52; DE SOUZA & COPÉ, 2010: 105-106). Além dessas características gerais, IRIARTE et al. (2013: 83-84, 93) notam a recorrência de alinhamentos SW-NE, com aterros ligeiramente maiores localizados sempre a oeste e em posições ligeiramente mais elevadas, o que relacionam à organização dual tipicamente Jê e, em particular, à assimetria entre as metades da sociedade Kaingang, com ênfase ritual na metade *kamé* ligada ao oeste (ver também CRÉPEAU, 1994). Os autores interpretam os pares de aterros anelares com montículos como cemitérios de líderes locais associados ao culto dos ancestrais de cada metade.

Entre os desvios do padrão acima, o mais significativo é representado pelos sítios com anexos quadrangulares. IRIARTE et al. (2013: 84) percebem, a partir de topografia detalhada, que as estruturas de forma quadrangular representam acréscimos tardios na história de construção dos sítios. Segundo os autores, a manutenção dos espaços funerários, embora com alteração da arquitetura circular para a quadrangular, sugere um esforço consciente para estabelecer continuidade com linhagens ancestrais, apesar de possíveis mudanças na sociedade (IRIARTE et al., 2013: 93). Os

autores notam também uma distinção nos alinhamentos dos anexos quadrangulares em relação aos circulares, sendo os primeiros mais próximos de E-W (IRIARTE et al., 2013: 83).

Seria possível que a arquitetura diferenciada também implicasse em atividades distintas realizadas nesses sítios? Neste artigo, é apresentada a análise dos conjuntos artefatuais recuperados no sítio Posto Fiscal, que possui aterros circulares com um anexo quadrangular. O sítio se localiza no município de Pinhal da Serra, Rio Grande do Sul (Figura 1). A área apresenta grande concentração de sítios Jê do Sul de diversas categorias, incluindo casas subterrâneas, aterros anelares, sítios líticos e sítios lito-cerâmicos a céu aberto (ver COPÉ et al., 2002 e SALDANHA, 2005 para uma discussão do sistema de assentamento Jê do Sul na região) e uma cronologia que se estende de AD 890 até o período histórico (IRIARTE et al., 2013: 82). Os primeiros trabalhos na região foram decorrentes de arqueologia de salvamento (RIBEIRO & RIBEIRO, 1985; COPÉ et al., 2002; SALDANHA, 2005), e as pesquisas prosseguiram com financiamento da Wenner-Gren Foundation em projeto coordenado por José Iriarte (Universidade de Exeter) e Silvia Copé (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) (IRIARTE et al., 2013).

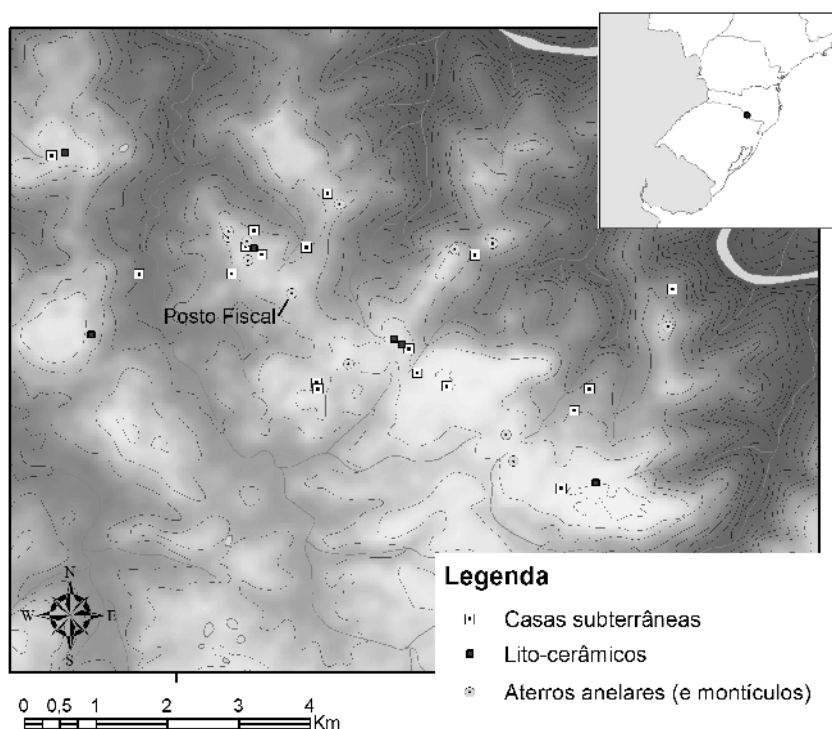


Figura 1. Sítios de Pinhal da Serra, Rio Grande do Sul. Elaborado pelo autor.

## O sítio Posto Fiscal

O sítio Posto Fiscal está situado em uma alta vertente suave, com vista ampla para o leste. É composto por um aterro anelar de 30 m de diâmetro ao qual se une um aterro quadrangular com também 30 m de comprimento. Há três montículos cercados pela estrutura, dispostos em sentido sudeste-noroeste: um no centro do aterro anelar, outro no centro do aterro quadrangular, e, por fim, um montículo sobre o aterro anelar, em um ponto em que este se encontra, aparentemente, interrompido (Figura 2). Além dessa estrutura arquitetonicamente complexa, encontram-se dois outros aterros anelares nas proximidades, ambos com cerca de 20 m de diâmetro, em direção a noroeste e a sudeste. Os montículos da estrutura principal foram denominados, de sudeste a noroeste, A, B e C. A seguir, apresentam-se os dados mais relevantes da escavação para a presente análise (ver também IRIARTE et al., 2013: 84-87; COPÉ, 2011; DE SOUZA, 2012: 52-60).

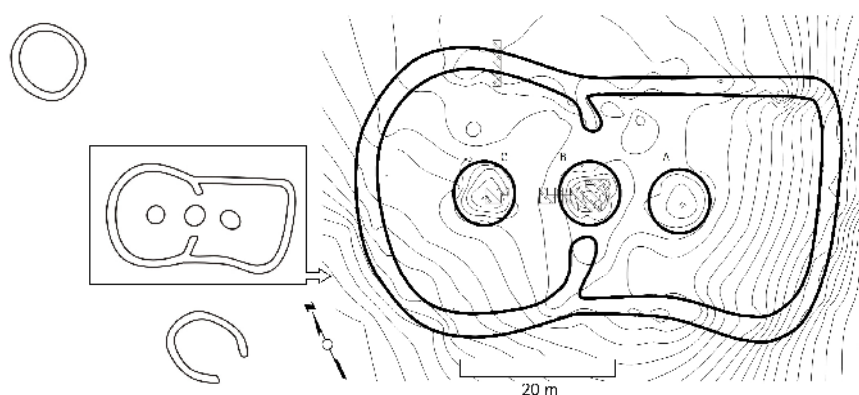


Figura 2. Topografia e planta baixa da estrutura principal do sítio Posto Fiscal com indicação das áreas escavadas. Elaborado pelo autor.

A escavação no sítio ocorreu em duas etapas. Na primeira campanha, foram escavadas áreas dos montículos B e C. Uma quantidade incomum de material lítico e cerâmico foi encontrada em ambos os montículos. No montículo B, aos 30 cm de profundidade, foi evidenciada uma lente de terra queimada que se estendia por uma área de cerca de 1 m<sup>2</sup>. No mesmo nível da terra queimada, superpostos a ela e em sua periferia imediata, foram encontrados pequenos fragmentos de ossos calcinados, embora nenhuma estrutura funerária bem definida tenha sido notada. Também no entorno da terra queimada, cerca de 20 cm abaixo do nível desta, foi evidenciada parte de um denso aglomerado de pedras, completamente escavado na campanha seguinte. Essa micro-estrutura é semelhante aos fornos dos sítios PM01 (IRIARTE et al. 2008, 2010) e SC-AG-12 (DE MASI 2005, 2009).

Durante a segunda etapa, além da intervenção na área entre os montículos, ampliou-se a escavação no Montículo B e foi aberta uma trincheira de 6 x 1 m cortando o aterro anelar. No Montículo B, aos 60 cm de profundidade (nível que topograficamente corresponderia a sua base), foram evidenciadas três feições alongadas, escavadas no solo natural, com dimensões médias de 175 x

65 cm (Figura 3). As feições possuem entre 30 e 40 cm de profundidade, e em uma delas foi encontrada uma vasilha inteira fragmentada *in situ*. Dentro da mesma feição, ao lado da vasilha, minúsculos fragmentos de ossos calcinados foram recuperados. Na área entre os montículos, uma densa concentração de material arqueológico foi encontrada, incluindo a maior quantidade de cerâmica do sítio e um grande instrumento bifacial sobre bloco de basalto (Figura 5a).

Foram obtidas as seguintes datas para o sítio: da trincheira sobre a estrutura anelar, foi datado carvão associado a uma pequena concentração de material lítico em  $1070 \pm 40$  B.P., Cal. A.D. 890-1020 (Beta-303594), enquanto um carvão recuperado sobre a lente de terra queimada no Montículo B forneceu uma data de  $330 \pm 30$  B.P., Cal. A.D. 1480-1640 (Beta-304479). Portanto, a construção do aterro anelar parece anteceder em no mínimo 400 anos o evento que resultou na formação da lente de terra queimada do Montículo B. Abaixo do nível da terra queimada, junto a uma concentração de material lítico e cerâmico, foi coletado carvão datado em  $370 \pm 30$  B.P., Cal. A.D. 1450-1630 (Beta-309037). Podemos supor que de fato o Montículo B foi erguido como um acréscimo posterior ao aterro anelar.

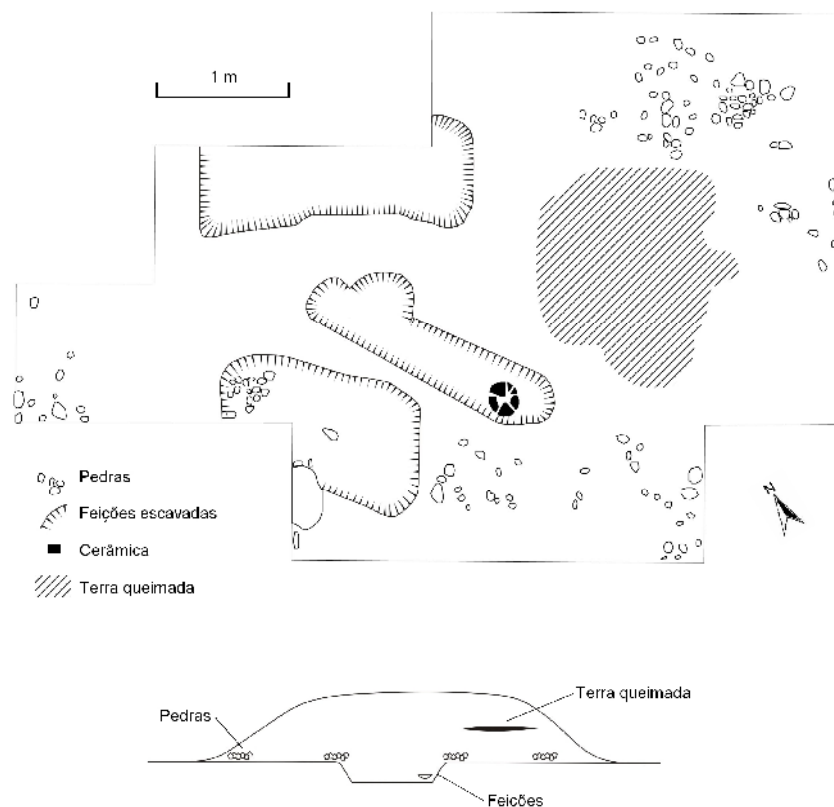


Figura 3. Planta final da escavação no Montículo B do sítio Posto Fiscal e perfil esquemático com a distribuição vertical das diferentes estruturas. Elaborado pelo autor.

## O material lítico e cerâmico do sítio Posto Fiscal

No sítio Posto Fiscal, o material lítico proveniente dos montículos B e C, bem como da área entre estes, totalizou 1214 peças. A maioria corresponde a vestígios de debitage, ou seja, lascas, núcleos e fragmentos de lascamento, existindo também uma quantidade pequena de microlascas e, entre o restante do material, lascas de redução de biface, instrumentos bifaciais e unifaciais (Figura 5a e b), um percutor e um fragmento de mão-de-pilão. No que toca à seleção e aproveitamento de matéria-prima, a calcedônia teve preferência, seguida pelo basalto, pelo quartzo e por uma quantidade pequena, mas significativa de arenito silicificado, ausente ou raro nos demais sítios da região (Figura 4). Deve-se observar que instrumentos em todas as etapas de redução (sensu COLLINS, 1975) estão presentes, desde a retirada do córtex até os retoques, e a presença de lascas de redução de biface no sítio sugere que ao menos algumas dessas etapas podem ter sido levadas a cabo no local. Predominam, entretanto, os instrumentos com bordos laterais não refinados, sem retoque, que seriam considerados expedientes por alguns critérios (ANDREFSKY, 2008: 7-9).

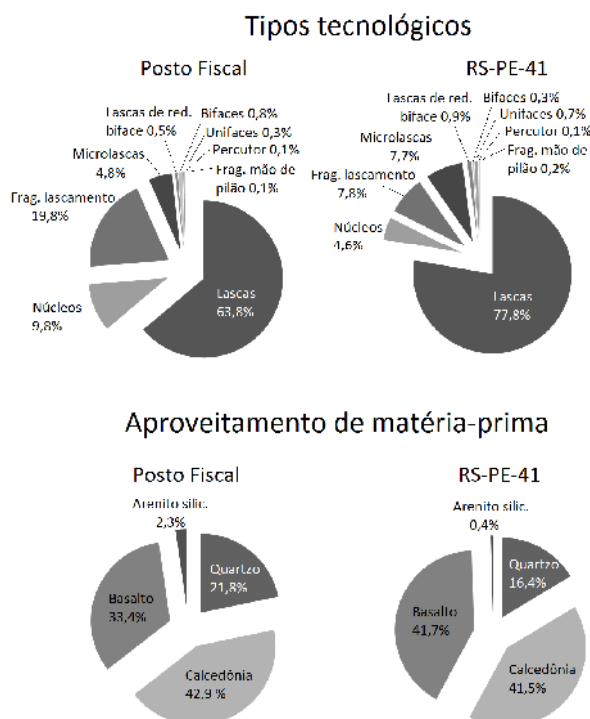


Figura 4. Gráficos de tipos tecnológicos e aproveitamento de matéria-prima no sítio Posto Fiscal e na Estrutura 1 (casa subterrânea) do sítio RS-PE-41. Os dados deste último foram modificados de COPÉ, 2008: 6-9. Elaborado pelo autor.

A cerâmica do sítio Posto Fiscal totalizou 142 fragmentos, dos quais apenas uma pequena quantidade ( $n = 10$ ) apresentou marcas de uso associadas ao processamento de alimentos, como fuligem ou restos carbonizados no interior. As formas que puderam ser reconstituídas são comuns a outros sítios rituais Jê do Sul (IRIARTE et al. 2008, 2010; DE MASI, 2005; SALDANHA, 2005; MÜLLER, 2008): a vasilha recuperada no fundo de uma das feições sob o Montículo B apresenta forma de meia-calota, com 22 cm de diâmetro, 6 mm de espessura, e é coberta externa e internamente por engobo vermelho (Figura 5c). Diretamente de cima da lente de terra queimada foram recuperadas bordas de outras duas vasilhas muito pequenas e finas: uma delas, com apenas 4 mm de espessura e aproximadamente 8 cm de diâmetro, possui forma cilíndrica aberta e contorno levemente infletido, com um motivo inciso reticulado abaixo do ponto de inflexão; a outra, com 5 mm de espessura e aproximadamente 9 cm de diâmetro, apresenta forma de meia-calota (Figura 5d). As características desses vasilhames – suas dimensões reduzidas, sua pequena espessura e forma não restringida, além da ausência de marcas de uso como fuligem e restos carbonizados – apontam para atividades de servir, no caso do vasilhame maior, ou de consumo individual, no caso dos menores (RICE, 1987; SKIBO, 1992; SALDANHA, 2005). A grande quantidade de cerâmica proveniente desse sítio ritual contrasta com sua baixa frequência nos sítios de casas subterrâneas de Pinhal da Serra (COPÉ, 2008), fenômeno também notado em outras regiões, como São José do Cerrito (SCHMITZ et al., 2010) e Campos Novos (DE MASI, 2005).

É interessante observar que na área entre os Montículos B e C o material estava densamente concentrado nos níveis iniciais, especialmente entre 15 e 25 cm de profundidade; já no Montículo B, a maior concentração de material ocorria nos níveis mais profundos, especialmente entre 35 e 45 cm de profundidade, junto com os conjuntos de pedras e imediatamente acima do nível das feições. O restante do material do Montículo B está distribuído pelos níveis superficiais, sem formar concentrações, e tendo como únicas estruturas associadas a lente de terra queimada e uma grande pedra, colocada sobre uma das feições (Figura 3). Considerando a distribuição do material em geral, tanto a cerâmica quanto os vestígios de debitage e micro-lascas se concentram na área entre os dois montículos. Por outro lado, quando se consideram apenas as lascas com marcas de uso<sup>1</sup>, nota-se que estão particularmente concentradas nos pontos que correspondem a conjuntos de pedras (possíveis fornos) na base do Montículo B (Figura 6). É importante notar que, nos sítios PM01 (IRIARTE et al. 2008, 2010) e SC-AG-12 (DE MASI 2005, 2009), os conjuntos de pedras são maiores e mais formais

---

<sup>1</sup> É importante ressaltar que, durante a análise, foram registradas apenas as marcas de uso macroscópicas – o que não implica que o restante dos artefatos não tivesse sido utilizado, apenas que não se realizou análise microscópica para sabê-lo (ANDREFSKY, 2005: 76-77).

do que no sítio Posto Fiscal. Se de fato se trata de estruturas de cocção, então é possível que um número menor de indivíduos participasse das atividades no sítio Posto Fiscal do que nos outros sítios citados (o que também é sugerido pelas dimensões do sítio PM01, com um aterro anelar de 180 m de diâmetro e uma avenida de entrada, cf. IRIARTE, 2008: 948-955).

Tudo leva a crer, portanto, que havia uma extensa área de atividade anterior à construção do Montículo B, porém posterior às feições, pois uma destas está parcialmente coberta por um dos conjuntos de pedras (Figura 3). É comum em contextos norte-americanos a construção de montículos sobre áreas de atividades ou estruturas anteriores, sendo que estas sempre possuem um caráter ritual especializado, como casas de descarnamento ou espaços comunais (SHERWOOD & KIDDER, 2011: 74). Sob o Montículo B, a presença de ossos calcinados e da vasilha completa, possível oferenda, ao menos sugere uma função funerária para as feições (possíveis covas). IRIARTE et al. (2013: 86), considerando a quase ausência de vestígios mortuários nas feições, sugerem a possibilidade de seu uso para inumações temporárias, sendo os corpos posteriormente exumados e trasladados para um local de sepultamento permanente. Em todo caso, as atividades realizadas sobre as feições e em seu entorno poderiam refletir eventos de festins mortuários.

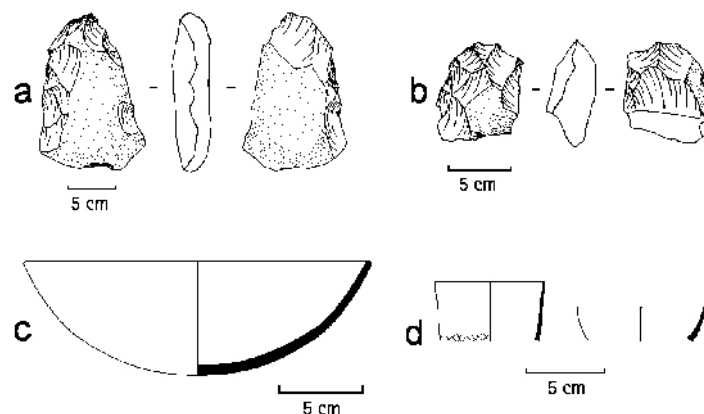


Figura 5. Desenhos de artefatos do sítio Posto Fiscal: a) Instrumento bifacial sobre bloco de basalto proveniente da área entre os montículos B e C; b) Instrumento bifacial sobre bloco de basalto encontrado no montículo C; c) Vasilha depositada em uma das feições sob o montículo B; d) Vasilhas localizadas sobre a lente de terra queimada no montículo B. Elaborado pelo autor.



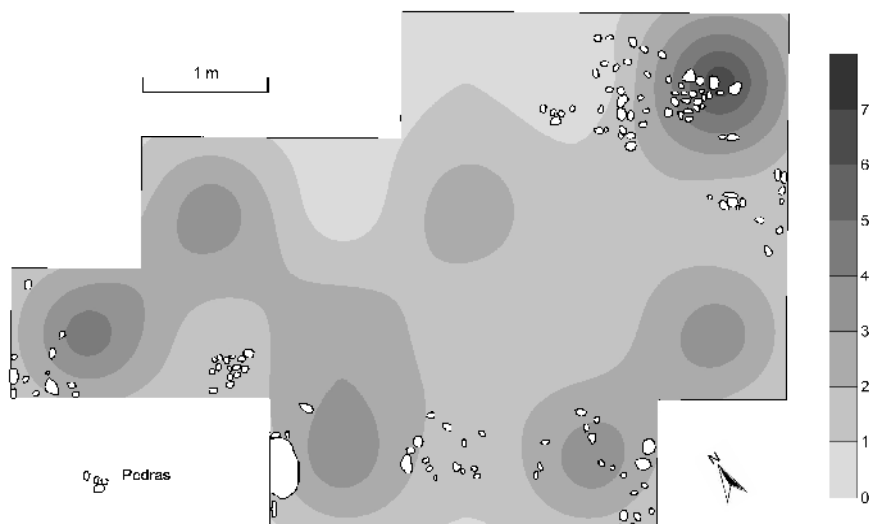


Figura 6. Distribuição das lascas com marcas de uso sob o montículo B (níveis 35-45 cm). Elaborado pelo autor.

Vejamos, para fins de comparação com os sítios Posto Fiscal, dois “típicos” aterros anelares com montículos da mesma região: os sítios RS-PE-21 (COPÉ et al., 2002) e RS-PE-29-Estrutura 3 (DE SOUZA & COPÉ, 2010). Ambos são formados por pares de aterros anelares entre 15 e 20 m de diâmetro, cada um com um montículo no centro. Nos dois casos foram escavadas trincheiras que serviram à amostragem de diferentes áreas das estruturas, desde o montículo até o exterior do espaço delimitado pelos aterros circulares. Sepultamentos cremados foram evidenciados nos montículos dos dois sítios. O material lítico era ausente no sítio RS-PE-21, e no sítio RS-PE-29-Estrutura 3 era composto por apenas cinco lascas e um instrumento unifacial. Foram recuperados apenas 12 fragmentos de cerâmica no sítio RS-PE-21, dos quais uma parte pertencia a uma vasilha em meia-calota localizada junto ao sepultamento (SALDANHA, 2005: 89-90). No sítio RS-PE-29-Estrutura 3 havia 24 fragmentos de cerâmica, a maioria pertencente à mesma vasilha, localizada junto aos sepultamentos no montículo, embora o grau de deterioração não permitisse a reconstrução de sua forma. Em nenhum dos casos foi localizada qualquer micro-estrutura semelhante a conjuntos de pedras ou feições escavadas. Portanto, os conjuntos artefatuais e micro-estruturas do sítio Posto Fiscal sugerem que nesse local teriam sido realizadas atividades diferentes dos demais sítios de aterros anelares e montículos.

É importante traçar comparações com os contextos domésticos da mesma região: a análise do material lítico de uma casa subterrânea (Estrutura 1) do sítio RS-PE-41 (COPÉ, 2008) revelou intensa atividade de debitage no local, com poucos instrumentos presentes, algumas lascas de redução de biface e um fragmento de mão-de-pilão. Nesse sítio de habitação, a matéria-prima preferencial foi a calcedônia, embora o basalto ocorresse em proporções semelhantes, além de uma pequena quantidade de quartzo (Figura 4). A cerâmica era quase ausente. As características do conjunto lítico desse sítio de habitação são semelhantes às do sítio Posto Fiscal. Se em um contexto doméstico espera-se que ocorra

o processamento e o consumo de alimentos, algumas etapas da produção e da manutenção de instrumentos e o trabalho com materiais perecíveis, é provável que essas atividades também estivessem presentes no sítio Posto Fiscal, embora com significados diferentes dada sua associação a um contexto cerimonial. A maior quantidade de arenito silicificado, matéria-prima rara na região, diferencia o sítio Posto Fiscal do contexto doméstico citado; a grande quantidade de cerâmica, principalmente ligada a atividades de servir e ao consumo (embora as formas reconstituídas pudessem estar presentes como oferendas funerárias), é outra distinção importante, dentro das expectativas para um espaço cerimonial (RICE, 1987).

Em uma análise microscópica de marcas de uso em lamelas provenientes de um contexto mortuário com montículos Hopewell, nos Estados Unidos, ODELL (1994) notou uma especialização no uso destas em atividades de raspar e cortar materiais moles. Já as lamelas provenientes de contextos domésticos haviam servido a uma diversidade maior de atividades, o que indica que tais artefatos possuíam funções diferentes em contextos diferentes. No caso dos contextos mortuários ou cerimoniais, ODELL (1994) sugere que as lamelas teriam sido utilizadas para a preparação de vestimentas, utensílios e itens decorativos, tanto para uso nas cerimônias quanto para acompanhamento funerário; o consumo ritual de carne seria outra possibilidade. Talvez fosse essa também a função de parte das microlascas, lascas e dos instrumentos encontrados no sítio Posto Fiscal, o que implicaria em uma maior elaboração do rito funerário nesse sítio.

### **A função do sítio Posto Fiscal**

O sítio Posto Fiscal foge ao padrão notado até o momento para os aterros anelares com montículos funerários Jê do Sul. As escavações revelaram que nele ocorriam atividades distintas, conforme evidenciado pelos conjuntos líticos e cerâmicos e também pelas feições encontradas. Considerando os sítios funerários como parte de um sistema de assentamento, deve-se notar que a mesma sociedade pode utilizar múltiplos cemitérios de diversos tipos para sepultar diferentes segmentos de seus membros, conforme suas posições sociais, e que esses cemitérios devem variar em tamanho, forma, conteúdo e estrutura (CARR, 2006a: 77-78). Existe a possibilidade de que alguns cemitérios Jê do Sul fossem reservados a indivíduos de *status* superior?

A reconstrução, a partir das práticas funerárias, do nível de complexidade das sociedades no passado se baseia no princípio de que o *status* de um indivíduo em vida se refletirá no seu tratamento após a morte e de que, portanto, quanto mais complexa for uma sociedade (no sentido de ser estratificada ou organizada por princípios de *status*), mais complexo será o conjunto dos ritos mortuários, apresentando maior número de tratamentos diferenciados (BINFORD, 1971; O'SHEA, 1984). Os indicadores mais freqüentemente utilizados para medir a complexidade dos ritos mortuários

são o tratamento dispensado ao corpo, a preparação de sua tumba e os acompanhamentos funerários. Autores como BINFORD (1971), PEEBLES & KUS (1977), TAINTER (1978) e O'SHEA (1984) enfatizam que, nas sociedades complexas, quanto mais alto for o *status* de um indivíduo, maior será o número de pessoas que lhe devem obrigações, contribuindo com um maior investimento de trabalho e maior dispêndio de energia no tratamento do corpo, na construção da tumba e na preparação dos acompanhamentos. Mesmo em casos nos quais não se encontram símbolos materiais claros de diferenciação, aspectos como a duração e as atividades que são realizadas durante o funeral costumam distinguir o tratamento dispensado a indivíduos de alto *status* (CARR, 2006b: 246). Aspectos como a localização da tumba, em posição proeminente ou segregada das demais, são também relevantes (CARR, 2006b: 243). No caso das distinções de *status*, espera-se que quanto mais alta for uma posição, menor será o número de pessoas a possuí-la – ao contrário das distinções horizontais, como as metades, que possuem cada uma um número aproximadamente igual de membros (BINFORD, 1971; O'SHEA, 1984; PEEBLES & KUS, 1977).

Existem suficientes informações etnográficas para demonstrar a aplicabilidade dos critérios acima mencionados aos povos Jê meridionais. Entre os Kaingang do Rio Grande do Sul no final do século XIX apenas os caciques principais eram sepultados sob montículos, cuja construção congregava todas as tribos que lhes eram subordinadas (MABILDE, 1897: 162-166). No relato de MABILDE (1897: 162-166) transparecem também a hereditariedade do cargo do cacique principal e as refeições, pequenos festins que acompanham seu longo funeral e prosseguem após a construção do montículo. O mesmo local em que se sepultava um cacique principal era destinado ao sepultamento dos caciques subordinados, embora sem montículo e com ritos menos prolongados, o que aponta para a existência de cemitérios segregados para indivíduos de *status* elevado entre os Kaingang históricos (MABILDE, 1897: 166). Já entre os Xokleng do início do século XX, todos os indivíduos eram sepultados sob montículos, embora os montículos de maiores dimensões fossem reservados aos caciques (VASCONCELLOS, 1912: 19).

De imediato já se pode argumentar que o sítio Posto Fiscal cumpre com os critérios para a identificação de cemitérios de alto *status*:

1) A complexidade de sua arquitetura aponta para um maior investimento de energia em sua construção. Embora as datas indiquem que isso ocorreu a longo prazo, deve-se observar que a própria manutenção do espaço funerário na longa duração diferencia o sítio Posto Fiscal dos demais, tornando-o um “lugar monumental persistente” (sensu THOMPSON & PLUCKHAHN, 2012);

2) Os conjuntos artefatuais apontam para uma diversidade maior de atividades realizadas nesse cemitério em relação aos demais;

3) Essas atividades poderiam envolver a confecção de itens rituais ou para acompanhar o(s) falecido(s), caso em que atestariam maior investimento na produção dos acompanhamentos funerários em comparação com os demais cemitérios;

4) As atividades também poderiam envolver a preparação e consumo de alimentos, assemelhando-se aos festins funerários dos caciques Kaingang.

## Conclusão

Através da análise dos conjuntos artefatuais e micro-estruturas do sítio Posto Fiscal percebe-se que os aterros anelares de arquitetura complexa foram também palco de uma série de atividades distintas das que ocorriam nos demais sítios. Se isso de fato implica em um *status* superior para os indivíduos aí sepultados, resta esclarecer a função dos pequenos aterros anelares com montículos.

BEBER (2004: 233-240), baseando-se principalmente no relato de MABILDE (1897: 162-166), propõe que os montículos funerários seriam destinados ao sepultamento de indivíduos de alto *status*, sendo os demais depositados em grutas. DE MASI (2009: 111), por outro lado, restringe a atribuição de *status* elevado apenas para os sepultamentos acompanhados de oferendas e evidências de festins mortuários. Para MÜLLER (2008: 137), o grande número de aterros anelares, aliado à presença de sepultamentos coletivos, indicam que todos os membros da comunidade eram sepultados em tais estruturas, sem distinções de *status*. Entretanto, é preciso ter ressalvas nesse ponto: apesar de ser comum, na região estudada, a ocorrência de pequenos aterros anelares com montículos nas proximidades imediatas de conjuntos de casas subterrâneas (SALDANHA, 2005), o que sugere seu uso como cemitérios de pequenos grupos vizinhos, a maioria dos sepultamentos nos montículos é de apenas um ou dois indivíduos (COPÉ et al., 2002; MÜLLER, 2008; DE SOUZA & COPÉ, 2010), com um único caso de seis indivíduos registrado por DE MASI (2009: 108-109). Assim, como notado por IRIARTE et al. (2013: 93-94), é improvável que todos os membros da comunidade fossem sepultados em tais sítios, e é possível que estes fossem cemitérios de líderes locais.

Portanto, a interpretação de BEBER (2004: 233-240) parece confirmar-se para a região estudada, sendo os montículos reservados a indivíduos de alto *status*, embora com distinções entre os mesmos. Dentro dessa perspectiva, sugiro que, enquanto os pequenos aterros anelares com montículos encerrariam sepultamentos de líderes locais (de comunidades vizinhas), sítios complexos como o Posto Fiscal poderiam ter servido à inumação de líderes regionais - da mesma forma como a organização sócio-política dos Kaingang no século XIX apresentava dois níveis de hierarquia, com caciques principais e subordinados (MABILDE, 1899: 142; FERNANDES, 2004: 102-103). Uma vez que os anexos quadrangulares são adições tardias na seqüência de construção dos sítios, e considerando as datas do Montículo B do sítio Posto Fiscal (séculos XV a XVII), pode-se especular que a emergência de cacicados com dois níveis de hierarquia seria um fenômeno relativamente recente na trajetória dos grupos Jê do Sul, imediatamente anterior ou coetâneo do contato com os europeus.

Essa é, contudo, ainda uma hipótese de trabalho, e sua comprovação depende de novas escavações e datações tanto no sítio aqui analisado quanto em outros de arquitetura semelhante.

### Referências bibliográficas

ADLER, M. & WILSHUSEN, R. 1990. Large-scale integrative facilities in tribal societies: cross-cultural and Southwestern U.S. examples. *World Archaeology*, 22(2):133-146.

ANDREFSKY, W. *Lithics: macroscopic approaches to analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

ANDREFSKY, W. An introduction to stone tool life history and technological organization. In: ANDREFSKY, W. (Ed.), *Lithic Technology: measures of production, use, and curation*. Cambridge, Cambridge University Press, 2008. p. 3-22.

BEBER, M. V. *O sistema de assentamento dos grupos ceramistas do planalto sul-brasileiro: o caso da Tradição Taquara/Itararé*. Tese de Doutorado. São Leopoldo:Unisinos, 2004.

BINFORD, L. 1971. Mortuary practices: their study and their potential. *American Antiquity*, 36:6-29.

CARR, C. 2006a. Salient issues in the social and political organizations of northern Hopewellian peoples. In CARR, C. & CASE, D. T. (Eds.), *Gathering Hopewell: society, ritual, and ritual interaction*. Nova York, Springer. p. 73-118.

CARR, C. 2006b. The question of ranking in Havana Hopewellian societies. In CARR, C. & CASE, D. T. (Eds.), *Gathering Hopewell: society, ritual, and ritual interaction*. Nova York, Springer. p. 238-257.

CHMYZ, I. Subsídios para o estudo arqueológico do Vale do Rio Iguaçu. *Revista do CEPA*, Curitiba, ano 1, p.31-52, 1968.

CHMYZ, I.; PEROTA, C.; MUELLER, H. I.; ROCHA, M. L. F. 1968. Notas sobre a arqueologia do vale do rio Itararé. *Revista do CEPA*, Curitiba, v.1, p.7-23.

COLLINS, M. B. 1975. Lithic technology as a means of processual inference. In: SWANSON, E. (Ed.), *Lithic technology: making and using stone tools*. The Hague, Mouton. p. 15-34.

COPÉ, S. M. 2007. El uso de la arquitectura como artefacto en el estudio de paisajes arqueológicos del altiplano sur brasileño. *Revista de Arqueología*, Universidad del Mar del Plata, ano 2, p.15-34.

COPÉ, S. M. 2008. *Escavações arqueológicas em Pinhal da Serra, RS: atividades laboratoriais realizadas em 2006 e 2007*. Porto Alegre, Núcleo de Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- COPÉ, S. M. 2011. *Relatório da escavação e dos trabalhos de geofísica em Pinhal da Serra, Janeiro/Fevereiro de 2011*. Porto Alegre, Núcleo de Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- COPÉ, S. M.; SALDANHA, J. D. M.; CABRAL, M. P. 2002. Contribuições para a pré-história do planalto: estudo da variabilidade de sítios arqueológicos de Pinhal da Serra, RS. *Pesquisas: Antropologia*, São Leopoldo, 58:121-139.
- CORTELETTI, R. 2010. Atividades de campo e contextualização do Projeto Arqueológico Alto Canoas - PARACA: um estudo da presença proto-Jê no Planalto Catarinense. *Cadernos do LEPAARQ*, Pelotas, n.7, p.121-157.
- CRÉPEAU, R. 1994. Mythe et rituel chez les indiens Kaingang du Brésil meridional. *Religiologiques*, n.10, p.143-157.
- DE MASI, M. A. N. 2005. *Relatório Final: Projeto de Salvamento Arqueológico Usina Hidrelétrica de Campos Novos*. Tubarão, Unisul.
- DE MASI, M. A. N. Centros cerimoniais do planalto meridional: uma análise intrasítio. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, n. 22, p.99-113, 2009.
- DE SOUZA, J. G. *Paisagem ritual no planalto meridional brasileiro: complexos de aterros anelares e montículos funerários Jê do Sul em Pinhal da Serra, RS*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, 2012.
- DE SOUZA, J. G. & COPÉ, S. M. 2010. Novas perspectivas sobre a arquitetura ritual do planalto meridional brasileiro: pesquisas recentes em Pinhal da Serra, RS. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 23(2):98-111.
- IRIARTE, J.; GILLAM, J. C.; MAROZZI, O. 2008. Monumental burials and memorial feasting: an example from the southern Brazilian highlands. *Antiquity*, 82(318):947-961.
- IRIARTE, J.; MAROZZI, O.; GILLAM, J. C. 2010. Monumentos funerarios y festejos rituales: complejos de recintos y montículos Taquara/Itararé en ElDorado, Misiones (Argentina). *Arqueologia Iberoamericana*, n.6, p.25-38.
- IRIARTE, J.; COPÉ, S. M.; FRADLEY, M.; LOCKHART, J.; GILLAM, C. 2013. Sacred landscapes of the southern Brazilian highlands: Understanding southern proto-Jê mound and enclosure complexes. *Journal of Anthropological Archaeology*, 32(1):74-96.
- MABILDE, P. A. B. 1897. Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação ‘Coroados’ que habitam os sertões do Rio Grande do Sul. In *Anuário do Estado do Rio Grande do Sul*, ano XIII, p. 145-167.
- MABILDE, P. A. B. 1899. Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação ‘Coroados’ que habitam os sertões do Rio Grande do Sul. In *Anuário do Estado do Rio Grande do Sul*, ano XV, p. 125-151.

- MANISER, H. H. 1930. Les Kaingang de São Paulo. *Proceedings of the 23rd International Congress of Americanists*. Nova York. p. 760-791.
- MENGHIN, O. F. 1957. El poblamiento prehistórico de Misiones. *Anales de Arqueología y Etnología*, 12:19-40.
- MÉTRAUX, A. 1946. The Caingang. In: STEWARD, J. (Ed.), *Handbook of South American Indians, Vol. 1: The Marginal Tribes*. Washington D.C., Government Printing Office. p. 445-475.
- MÜLLER, L. M. *Sobre índios e ossos: estudo de três sítios de estruturas anelares construídos para enterramento por populações que habitavam o vale do rio Pelotas no período pré-contato*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUC/RS, 2008.
- ODELL, G. H. 1994. The role of stone bladelets in Middle Woodland society. *American Antiquity*, 59(1):102-120.
- O'SHEA, J. 1984. *Mortuary Variability: An Archaeological Investigation*. Orlando, Academic Press.
- PAULA, J. M. 1924. Memória sobre os Botocudos do Paraná e Santa Catarina organizada pelo serviço de proteção aos silvícolas sob a inspeção do Dr. José Maria de Paula. In: *Anais do XX Congresso Internacional de Americanistas*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional. p. 61-84.
- PEEBLES, C. S.; KUS, S. 1977. Some archaeological correlates of ranked societies. *American Antiquity*, n.42, p.421-448.
- REIS, M. J. *A problemática arqueológica das estruturas subterrâneas no planalto catarinense*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1980.
- RIBEIRO, P. A. M. & RIBEIRO, C. T. 1985. Levantamentos arqueológicos no município de Esmeralda, RS, Brasil. *Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas*, Santa Cruz, 12(14):49-105.
- RICE, P. M. 1987. *Pottery analysis: a sourcebook*. Chicago, University of Chicago Press.
- ROHR, J. A. 1971. Os sítios arqueológicos do planalto catarinense, Brasil. *Pesquisas: Antropologia*, São Leopoldo, 24:1-56.
- SHERWOOD, S. C. & KIDDER, T. R. 2011. The DaVincis of dirt: Geoarchaeological perspectives on Native American mound building in the Mississippi River basin. *Journal of Anthropological Archaeology*, 30:69-87.
- SALDANHA, J. D. M. *Paisagem, lugares e cultura material: uma arqueologia espacial nas terras altas do sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUC/RS, 2005.
- SALDANHA, J. D. M. 2008. Paisagem e sepultamento nas Terras Altas do Sul do Brasil. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, n. 21, p.85-95.
- SCHMITZ, P. I.; ARNT, F. V.; BEBER, M. V.; ROSA, A. O.; FARIAS, D. S. 2010. Casas subterrâneas no planalto de Santa Catarina: São José do Cerrito. *Pesquisas: Antropologia*, São Leopoldo, 68, p.7-78.

- SKIBO, J. M. 1992. *Pottery function: a use-alteration perspective*. Nova York, Plenum Press.
- TAINTER, J. A. 1978. Mortuary Practices and the Study of Prehistoric Social Systems. In SCHIFFER, M. B. (Ed.). *Advances in Archaeological Method and Theory, vol. 1*. Nova York, Academic Press. p. 105-141.
- THOMPSON, V. D.; PLUCKHAHN, T. J. 2012. Monumentalization and ritual landscape at Fort Center in the Lake Okeechobee basin of South Florida. *Journal of Anthropological Archaeology* 31(1):49-65.
- VASCONCELLOS, D. R. 1912. Botocudos. *Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*, 17:19-22.